



ENTRELAÇANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO: UMA BUSCA SENSÍVEL DA MEMÓRIA FAMILIAR

Nádia Maria Weber Santos*
Escola Superior de Teologia – EST
nmws@terra.com.br

Paula Tatiane de Azevedo**
Centro Universitário La Salle – UNILASALLE
paulaaze@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo buscar uma “sensibilidade à margem”, ou seja, o desenrolar de uma história de vida de um indivíduo comum (TR) que foi internado de maio a setembro de 1937, no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre. Nesta nova pesquisa, realizada com a família deste “personagem do urbano”, descortinou-se um novo olhar e novas reflexões foram feitas sobre este indivíduo, o qual foi marginalizado na sociedade em seu momento histórico. Entre os fatos mais relevantes, teve-se a notícia que ele se suicidou em 1938, perto de sua residência, em Canoas (RS). Tendo como base o resgate da memória familiar, a problemática em questão foi perceber as sensibilidades e as representações acerca da loucura e como diante de uma situação extraordinária a família reconstrói (ou reconstruiu) essa história de vida.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural – Sensibilidade – Representações – Memória familiar.

ABSTRACT: This article presents the result of a research that had as objective to search a “sensitivity to the edge”, that is, uncurling of a history of life of a common individual (TR) that was interned in May to September of 1937, in Hospital São Pedro de Porto Alegre/RS/Brazil. In this new research, carried through with the family of this “personage of the urban one”, a new was disclosed to look at and new reflections had been made on this individual, which was kept out of society at its historical moment. It enters the facts most excellent, had it notice that it committed suicide itself in 1938, close to its residence, in Canoas (RS). Having as base the rescue of the familiar memory, the problematic one in question was to perceive the sensitivities and the representations concerning madness and as ahead of an extraordinary situation the family reconstructs this history of life.

KEYWORDS: Cultural history – Sensitivity – Representations – Familiar Memory

* Mestre e Doutora em História (UFRGS), médica-psiquiatra e pesquisadora na Escola Superior de Teologia/FAPERGS.

** Acadêmica do Curso de História UNILASALLE, pesquisadora auxiliar no eixo temático **Um percurso singular: do hospício para o mundo.**

A primeira vez que se deparou com a história de vida deste indivíduo comum foi pesquisando prontuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, em 1998, no APRS (Arquivo Público do Estado RS), onde foram encontradas doze cartas e um versinho, aleatoriamente guardados em um prontuário do ano de 1937, pertencentes a um só paciente – a quem se chamou TR –, internado de maio a setembro de 1937. Estas cartas foram transcritas e posteriormente digitadas, resultando em um profícuo documento histórico de 48 páginas, acerca da sensibilidade de uma pessoa sobre a loucura dela mesma e do mundo.¹

Nestas missivas, ele discutia, analisava e interpretava o mundo à sua volta, bem como sua história pessoal. A Guerra Civil Espanhola, a ascensão do nazismo, o integralismo brasileiro, o papel da Igreja Católica e do Clero nos problemas contemporâneos, até as questões econômicas do Brasil, a “dívida externa”, a função da imprensa, passando por conflitos familiares e pessoais, foram temáticas contempladas em seus “escritos sensíveis de hospício”. Sua inteligência e aptidão para as “letras” ressaltam na leitura destas cartas. Deixava transparecer uma mágoa em relação à família, principalmente a seu pai e irmãos, os quais foram os responsáveis por sua internação no manicômio; dizia que estes o impediram de continuar nos negócios da família (padaria) e que o achavam louco porque lia e escrevia bastante. Assim, com esta nova pesquisa, tudo o que sabíamos sobre sua vida a partir desta fonte (fatos esparsos, sem encadeamento, depreendidos das missivas e dos relatos médicos do prontuário hospitalar) foi cotejado com os “fatos da vida real” fora do hospital.

O objetivo principal desta pesquisa atual foi buscar a história de vida de TR após internação, e, com esse intuito, iniciamos por procurar familiares que pudessem esclarecer o desenrolar da vida desse personagem ímpar.

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros, e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobretudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem

¹ Estas cartas foram utilizadas para análise tanto na dissertação de mestrado como na tese de doutorado da autora, tendo esta pesquisa atual contemplado um outro viés da história deste indivíduo. Ver estas pesquisas, respectivamente, publicadas nos textos: SANTOS, Nádía Maria Weber. **Histórias de vidas ausentes - a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental**. Passo Fundo: editora da UPF, 2005. SANTOS, Nádía Maria Weber. **Narrativas da loucura & Histórias de sensibilidades**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2008. O conjunto desta correspondência existe apenas na íntegra como anexo da tese de doutorado intitulada: SANTOS, Nádía Maria Weber. **Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos – Brasil 1905, 1920, 1937**. 2005. 397 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Programa de Pós-Graduação em História.

persistir, mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual.²

E, nesta vertente de pensamento, foi-se construindo uma nova história para TR, com o colorido da memória familiar, sensibilidade múltipla amparada por silêncios, ressentimentos, mas também por admiração e respeito.

A FAMÍLIA – A BUSCA

Os dados que foram coletados nas cartas e no prontuário médico davam indícios que a família poderia estar em Canoas, cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Com essa informação iniciou-se uma investigação em torno do sobrenome e endereço que constava na papeleta hospitalar.

Além de seu nome real, nome de seus pais (nomes e sobrenomes) e o endereço em Canoas, retirou-se de suas cartas o nome de sua esposa e o fato da existência de um filho de um ano de idade.

Estes dados concretos até então eram: (1) dados do prontuário – nome, do qual T R são suas iniciais, de 34 anos em 1937, nome do pai (O R), nome da mãe (M R), nome da esposa E M, pai morador em Canoas (Rua Araçá 1343), internação paga pela firma comercial “Irmãos R.” da família, um endereço em Porto Alegre (possivelmente de TR – Av. Brasil 430), ele tinha um filhinho (homem) de 1 ano de idade, a família tinha padaria e após uma fábrica de sabão.

É importante ressaltar que ao trabalharmos temáticas como as da loucura, do suicídio, estamos adentrando em um campo peculiar, de lembranças muitas vezes dolorosas. Amparados no pressuposto da história oral de pessoas anônimas foi decidido utilizarmos apenas as iniciais dos nomes das pessoas depoentes a fim de mantermos a privacidade da família. Segundo Meihy,

[...] projetos que trabalham com situações de risco, de vexames, de impressões comprometedoras sobre outros, podem valer-se da invisibilidade. Contudo, na apresentação do trabalho deve ficar claro o nível e as razões do “disfarce”. Jamais devem ser ocultados do leitor os critérios da “transformação”.³

² BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 165.

³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 38.

Essa medida não impediu as descobertas relevantes que fizemos sobre o “personagem” TR, mas sim ganharam profundidade, bem como a época e os padrões de sensibilidade que existiam, sobre sua trajetória e sobre este inaudito mundo da loucura.

A fim de estabelecer contato com a família de TR e/ou pesquisar se havia descendentes vivos, lançou-se mão, primeiramente, da procura no Arquivo Público e Histórico de Canoas. Lá a procura foi em vão, pois o arquivo continha apenas documentos relativos à administração da cidade. Fomos a Canoas no endereço que constava no prontuário – Rua Araçá 1343 – encontramos casas antigas e a numeração interrompia-se numa vila popular, de difícil acesso, o número em questão não foi localizado. Mas foi a partir da internet que obtivemos os primeiros êxitos em nossa busca: uma familiar (CR dos Santos) colocou-se à disposição para entrevista, tornando-se nosso ponto zero, aquela que iniciou a conexão da rede.

A partir desta primeira entrevista e contato, as portas se abriram, as certezas surgiram, a imaginação re-apareceu: a vida de TR adquiriu início, meio e fim – um fim trágico, por certo, um suicídio, mas que, talvez, possamos resgatar e dar um outro rumo a partir destas memórias de família.

No primeiro contato, a família de CR foi receptiva; gente simples, com conversa clara e agradável, todos (pai, mãe e a própria CR) receberam-nos com muito material para pesquisa... Foram todos, desde nossa entrada na casa, muito solícitos e prestativos, nada de meias palavras; foram contando e mostrando tudo que sabiam e tudo que tinham sobre a família de imigrantes de Lodz, Polônia.

Presente em nossa primeira entrevista o sobrinho vivo (VR) de TR, pai de CR, nos informou que seu tio havia cometido o suicídio: “o tio T se matou”. Em voz baixa e quase inaudível VR nos proporcionou a primeira grande informação sobre o período pós-hospício de TR: ele havia sucumbido, suas angústias e frustrações o levaram a acabar com sua própria vida. Embora sem muitos detalhes sobre o tio suicida, VR conseguiu transmitir, mesmo que sem palavras, aquilo que pode ser o sentimento da família em relação ao doloroso episódio: memória esquecida da dor ou vergonha ou até mesmo um pouco caso pelo ocorrido. O historiador Philippe Jautard⁴ explicita que o esquecimento é elemento constitutivo da memória e pode ser desmembrado em duas ordens: o esquecimento do que é considerado insignificante e o esquecimento ocultação,

⁴ JOUTARD, Phileppe. Reconciliar História e Memória? **Revista da FAECEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.14, n. 23, p. 205-212, jan-jun de 2005.

ocultar aquilo que não desejamos lembrar, porque por algum motivo pode embaraçar a ordem da memória.

A FAMÍLIA – A MEMÓRIA

O avô de TR e seus pais nasceram em Lodz, cidade fronteira entre Polônia e Rússia, pertencendo a uma ou a outra conforme a data das disputas de fronteiras. Vieram todos para o Brasil, em um navio, fugidos da guerra, com imigrantes poloneses/russos em 1895, talvez todos no mesmo navio. O avô Karl T R (T é o mesmo nome próprio de TR) morreu no navio e foi atirado ao mar (segundo documentos, quando chegaram a Florianópolis). A mãe de TR, nascida Schindler, provavelmente conheceu O R, filho de Karl T R, no navio, e casaram-se no Brasil, em Porto Alegre, em 1900. Há vários documentos e passaportes que confirmam estes dados. Tiveram quatro filhos homens que viveram, entre eles TR, o primogênito, e uma filha mulher OR morta com 1 ano e 9 meses. Há registros em uma caderneta de família, pertencente à sua mãe (mas provavelmente escrita por ele, uma vez que sua mãe não sabia escrever) e toda escrita em alemão, da existência de mais três filhos deste casal, porém natimortos.

Logo em seguida a esta entrevista, descobriu-se a partir de pesquisa no Cemitério Batista de Porto Alegre, a data em que ele se matara: apenas 10 meses após sua saída do hospital, 29 de julho de 1938. Atualmente, os restos mortais de TR estão no ossário, um “valão” comum, onde são colocados os ossos de pessoas que a família não mais mantém a sepultura. Pode-se depreender alguma coisa disto: primeiro, ele foi enterrado em uma sepultura anexa à da família e não junto com seus irmãos mortos; depois a esposa, pais e irmãos não mais procuram e pagam o espaço. Por que será? Qual a memória que restou de TR à família? Não suportaram o suicídio? Houve alguma outra coisa que manchasse o “nome” familiar?

Semanas depois, nossa ida na casa do filho de TR, ER, foi um sucesso. Algumas dúvidas foram respondidas, outras não. E mais portas se abriram. Realmente era ER o menino de quem TR falou em suas cartas de hospício. Nascido em 1936, tinha pouco mais de dois anos quando seu pai se matou. E. tem na memória o dia do cortejo levando o corpo no cemitério, aonde ele ia atrás da fila, chorando muito e chamando o pai em alemão.

[...] o meu pai tava indo muito mal nos negócios, a minha mãe, ele muitas vezes falava pra minha mãe: “eu te tirei do conforto dos teus

país, agora não posso nem te dar o mínimo [...], então o melhor é mesmo eu morrer”, ou coisa assim ele dizia. [...] bobagem [...], ela achou aquele negócio [...] depressão e aí acabou se suicidando, foi uma morte estúpida. E, aí inclusive, os parentes dizem que se sentiram muito tristes, por minha causa: porque eu ia atrás do cortejo, eu dizia em alemão: “papa, papa, papa” e caminhando atrás do cortejo, do caixão... (E.R., entrevista, 2008)

Contou-nos que seu pai lhe ensinou alemão quando bebê, e ele só aprendeu português aos 4 anos de idade, quando foi morar em São Pedro do Sul, com a família materna. Esta memória permanece viva em ER.

TR não teve sua memória maculada pela esposa. E. conta muitas coisas do pai, que soube pela mãe. Homem inteligente, sensível, tocava violino. Mostrou-nos o violino que pertencera a seu pai no passado, estivemos com ele em nossas mãos. O suicídio foi mencionado aos poucos pelo filho, e foi explícito sobre isto somente quando perguntamos sobre a causa da morte. Aliás, foi um segredo de justiça, existiu um processo, ao suspeitarem de homicídio, por ele ter dois tiros na cabeça segundo nos relatou ER,



[...] ele tava sentado no tronco de uma árvore ali [...] e aí pegou o revólver e... diz que teve gente que chegou a correr, mas não deu tempo. **Nádia: Com revólver então? E.R:** e... é, e isso aí também gerou uma polemica, porque é quase impossível uma pessoa se suicidar com dois tiros na cabeça [...] dois tiros na cabeça. E foi muito investigado pela polícia na época, havia suspeita de assassinato, não de... **Nádia: Ah é? Lá em Canoas? E.R** Lá em Canoas. A morte do meu pai foi dada [...] suicídio no fim, mas nunca foi devidamente esclarecido [...] pois já no primeiro impacto se a pessoa não morre, desmaia [...] no ouvido, então a suspeita é que ele tenha sido assassinado. **Nádia: e a polícia nunca chegou a outra... E.R:** Nunca chegou a uma conclusão, acabou como suicídio mesmo... (ER, entrevista, 2008)

TR foi encontrado no mato atrás da casa da rua Araçá, em Canoas. TR era 11 anos mais velho que a esposa e a amava. Deixou uma carta explicando os motivos da morte, onde tem até gotas de sangue. Esta carta estava com a esposa H. M., até sua morte.

HERANÇA FAMILIAR: O VIOLINO DE TR

Existe também a filha, MR, que como se imaginava, estava na barriga da mãe



FONTE: Acervo Pessoal de Pesquisa

sendo gestada quando TR cometeu tal gesto. Talvez ela, atualmente católica fervorosa, esteja de posse da carta suicida, bem como de muitos outros materiais, pois sendo mulher e morando com a mãe quase a vida toda, a intimidade de ambas deve ter as tornado cúmplices de revelações. Afinal, MR. só conhece o pai pelas fotos e pela memória dos outros.

Mas ficou claro que este filho, ER, não sabe da internação psiquiátrica, bem como os outros familiares, os quais nunca a

mencionaram. Tampouco parece desconfiar, pois se refere à causa da morte como um desgosto financeiro. Porém sua esposa, em momento em que ER saiu da sala, contou que em conversa com sua sogra (esposa de TR e mãe de ER.), foi revelado por esta que ele tentara matar-se mais de uma vez.

Segundo ER, o pai foi apaixonado pela mãe, uma moça de São Pedro do Sul, filha de rico e famoso advogado da região de Santa Maria. Porém, ele era “mulherengo”, tendo histórias até engraçadas para contar, certamente estas relatadas por seus tios.

Comprovamos aqui o fato de não escrever delírios ou fantasias em suas cartas – não poderia ser isto razão para mantê-lo como um louco internado em um manicômio. Muito do que relatava sobre si era verídico (saboaria, padaria, a briga com irmãos). Seu filho conta que ele era inteligente, e possivelmente todo o material que nos foi passado pela família de C R dos Santos e V R (seu sobrinho), escrito em alemão, tenha sido ele a escrever, pois era o mais letrado da família. Tocava violino na orquestra de Porto Alegre, uma precursora da OSPA. Sua sensibilidade, marcante e viva, mostra-se nas

palavras e na memória de seu filho: conta que seu pai pediu à esposa que desse o violino ao filho e que nunca o deixasse vendê-lo, pois nunca ninguém daria o real valor que ele tinha... O valor do dinheiro não valia o valor daquele instrumento para ele.

Na continuação da pesquisa, alguns meses depois, nós entrevistamos MR, a filha de TR, uma senhora de 70 anos. Ela foi receptiva dentro de limites muito estreitos. A entrevista com a filha de TR não foi o que gostaríamos. Ela não disse quase nada além do que já sabíamos, quase não quis falar, quase recusou o gravador; não tem a tal carta (que ela diz ser um bilhete) suicida. E pediu que desligássemos o gravador quando ela nos deu a única informação que não tínhamos ainda: sua mãe dizia que TR saiu da sociedade da padaria da família por causa de uma “trapaça” dos irmãos, que não o queriam mais trabalhando com eles. Relata também que seus primos ficam brabos, dizendo que é invenção da mãe dela, esposa de TR (porém, isto, para nós, confirma o que TR escrevia nas cartas). A provável causa do suicídio seria, assim, a briga com os irmãos e o descontentamento em que vivia na sociedade com estes e o pai. Deu alguns detalhes, poucos, sobre isto, ressaltando que sua mãe não desejava que os filhos tivessem uma memória traumática sobre o episódio da morte do pai,

[...] ele deixou um bilhete pra minha mãe escrito, “tenha cuidado”, mais ou menos assim não lembro... bem ela que falava, tenham cuidado ao levar a minha esposa porque ela esta grávida, então automaticamente ele se lembrou de mim também, mais nela porque o susto. PA: Ela não deixou com a senhora essa carta ou bilhete? MR: a mãe tinha por muito tempo esse bilhete mais eu não sei aonde foi parar um bilhetinho mesmo. PA: Ela preferiu não comentar esse assunto? MR: É eu acho que ela não queria que nos ficássemos com uma recordação traumática vamos dizer... (MR, entrevista, 2008)



Família R: Pais e 2 filhos mais velhos
FONTE: Acervo Pessoal de Pesquisa

Enfim, ela foi à única que não nos mostrou fotos, documentos, etc. e disse que não os tem. Mas desconfiamos que ela os tenha, sim, mas preferiu ocultá-los. Ao pedir para desligarmos o gravador demonstrou também que os motivos que levaram TR ao suicídio são tabus familiares, apenas comentados entre ela e sua mãe como um segredo. Pesavento elucida que ao buscarmos as sensibilidades não estamos apenas nos aprofundando na investigação sobre as subjetividades das histórias de vida, mas também lidamos com a vida privada e com todas as nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos.⁵

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo nas sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Colóquios**. 2005, [Em línea], Puesto em línea el 04 février 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/ondex229.html>. Acesso em: 21 out. 2008.

É interessante cotejarmos com um excerto da carta de número 11, escrita por TR no hospital, em 2 de setembro de 1937, poucos dias antes de sua alta hospitalar:

Meu pae esteve aqui me visitando no sabbado passado. Eu querendo conseguir mais liberdade em casa, disse-lhe em resposta a sua pergunta se já tinha deixado a mania de escrever que se era loucura porque não me deixa esta. Foi quanto bastou para que pouco depois sahisse...almente se despediu de mim. Para mim acho que esta contrariedade até é uma vantagem, pois que tenho notado, quando me incomodam, tenho até mais inspiração. É verdade que as vezes desanimo um pouco e não faltava muito me convencer da minha loucura...

A minha vida até hoje foi, nada mais, nada menos que um rosário de contrariedades deste quilate. Sahi da sociedade que tive com meus irmãos porque estes se opunham ao meu plano de fabricar o pão com fermento Fleischmann, que naquella epocha estava sendo introduzido, com verdadeiro bombardeio de reclames. Conheço sobejamente a história do judeu, e pude avaliar que o fermento Fleischmann iria ser introduzido sem a menor dúvida. Ora, a casa teria soffrido um grande impulso progressista se fôssemos um dos primeiros a melhorar o artigo. Mas qual quem foi que disse que eu convencia os meus desta vantagem... A saboaria da qual faço parte nasceu da minha idéia. Todo o melhoramento da fabricasinha etc. (não exagero). E um dia o meu pae poz na mesma meu irmão (o mais moço da família) e pouco tempo depois por ocasião de uma forte crise de negócio (saboaria é um péssimo negócio) recebi estupefato, a ordem de procurar um emprego. Eu, que comecei a fazer sabão em latas de queirozene em minha casa, passando pouco tempo depois a fazel-o em casa de meu pae, num tacho um pouco maior, fui o primeiro a ter ordem para dar um jeito na vida.

Verdade é que a fabricasinha foi montada com capital de meu pae, mas meu irmão também. Não entrou com cousa alguma. Eu não sou dos que vivem em desharmonia com seus paes. Desde os 14 annos, com exepção de dois annos, trabalhei sempre com e para meus paes.

Dos filhos, que o velho meu pae gosta menos, sou eu, mas felizmente a minha mãe é ma santa p/ mim, mesmo que tenha que fazer o que lhe dicta o velho, tem agido c/ muita habilidade, servindo sempre de mediadora. Se digo que meu pae é homem de má índole minto. É tão somente no systema de orientação que sempre divergimos. Mas o meu grande amigo é o futuro e eu confio plenamente nelle. (TR, Carta 11)⁶

Em meio a tantas lembranças e silêncios familiares, as cartas dele confirmam o que a mãe dela disse, a grande amada de TR: houve brigas familiares e ele ressentia-se muito disto. Há mais coisas escondidas, percebe-se, do que nos contam. Segredos familiares, ressentimentos, que perpassaram as gerações. Nota-se a desagregação da família como um todo, pois embora saibam uns dos outros, há um ramo que vive em Brasília (GO), um em Sapucaia do Sul (RS), outro em Canoas (RS), e mais um em

⁶ Mantivemos a grafia original das cartas.

Porto Alegre (RS) – tendo, recentemente, a família de Sapucaia encontrado a família de Brasília pelo Orkut. Vale notar que estes “ramos” referem-se aos filhos de TR e aos filhos de seus irmãos, portanto um parentesco bem próximo (primos em primeiro grau).

Percebeu-se uma modificação no discurso familiar na entrevista seguinte. Os próximos entrevistados foram: o sobrinho de TR, AR, e sua irmã (sobrinha de TR), MRS. Conseguimos dois dados novos: a mãe do senhor AR, cunhada de TR, contava a seus filhos ainda crianças que TR passava as noites escrevendo em jornais, nas partes em branco das páginas,

[...] Ela ficava impressionada, ele disse [...] ficava a noite toda escrevendo em todos: os espaços brancos disponíveis do jornal, ele escrevia, escrevia, escrevia... **P.A. Nos jornais.** Artur: é, nos jornais. E ele sempre escrevia que ele estava sendo perseguido pela Igreja, pelos padres, bispos e coisa, pelos religiosos... (AR, entrevista, 2008)

O neto de TR, filho de ER., parece também sofrer de “manias de perseguição”, como eles diziam do próprio TR. É a primeira vez que este assunto, “mania de perseguição” é tocado mais às claras, mesmo não sendo falado sobre hospitalização alguma nem usando a palavra “doença” ou a expressão “doença mental”.

O pai de TR, segundo este neto, era muito reservado, muito inteligente, tocava sete instrumentos; ele construiu com dinheiro dele um prédio na Av. Brasil em Porto Alegre, que não existe mais, que servia como um teatro, onde vinham Bibi Ferreira e o pai dela, teatros de revista, mágicos, orquestras. Era muito boêmio. Foi, também, fundador da Ginástica Sociedade São João e um dos fundadores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (há uma placa em sua homenagem no cemitério). Vovô O R (pai de TR) e os filhos (TR e seus irmãos) fundaram uma banda e cada um tocava um instrumento. A mãe de TR era batista. A TR eles conheceram pouco, mas lembram-se dele, “mas pouco, vagamente”: “Ele estudou muito, ele estudou muito, que enfraqueceu a cabeça e acabou com a vida dele”, disse MRS, referindo-se ao suicídio do tio TR. A mãe deles disse que ele lia demais, e ele era uma pessoa que se impressionava com as coisas (SIC). “Por que tem o seguinte: ele era uma pessoa que se impressionava com o que lia; ele era muito inteligente e ensinou a vovó a ler”. A mãe de TR, segundo eles, tinha um grande contato com este filho mais velho. O suicídio foi um choque na família, e aqui ambos discordam quando a entrevistadora perguntou se eles se lembram, uma vez que eram crianças: ele AR diz que não e ela MRS diz que sim, que lembra do episódio e do que comentaram a respeito: “ele deu um tiro na cabeça lá na aeronáutica, e ninguém

sabe a causa; ele era muito estudioso”. Os filhos de TR são muito católicos (por parte da mãe) e o suicídio foi abafado na família. Artur é espiritualista e acredita que o espírito de TR já retornou e deve ser o filho de ER (portanto neto de TR e que também se chama ERF.): “ele repetiu o mesmo que a mãe contou sobre o tio TR; o tio gostava muito da nossa mãe, [...], a mãe contou que o tio TR falava muito, [...] ele ficava a noite toda escrevendo em todos os espaços em branco disponíveis dos jornais, e escrevia que ele era perseguido pela igreja, bispos, religiosos.” Seu Artur acha que era na vida anterior, na Idade Média, que ele teria sido perseguido na Igreja. Afirma que o filho de E. é igual, pois vive dizendo que têm pessoas o perseguindo em seu emprego. Igual ao avô (TR), diz Mirna. “Ele é diferente dos outros primos, se esconde, vive se esquivando.” “Tenho uma fotografia do TR, era bem simpático, bonito, as moças gostavam muito dele”, disse Artur. TR escrevia muito, muito, muito. Pena que não guardaram, disse Mirna.

Artur se lembra da casa em Canoas, do vovô Oscar (OR), um casarão, todo avarandado, com árvores gigantescas, carro, muito grande e bonita. “Tinha uma biblioteca cheia de livros, e não falava muito com os netos. Atrás era a saboaria. Era enorme. A saboaria era somente do vovô. A padaria no início era do vovô, na Avenida Brasil, e depois passou por herança aos filhos: Os irmãos se ajudavam muito.” TR tinha uma casa também em Canoas, que ficava na outra avenida, mas no mesmo terreno do pai, porque era enorme, era tudo dele; a fábrica de bebida (dos primos) também ficava no terreno. Ao serem questionados pela entrevistadora, eles disseram que não têm idéia sobre a causa do suicídio de TR. Sua mãe falava que TR era perseguido pelos religiosos e ficava surpresa em relação a isto. O pai deles (irmão de TR) também lia muito, tinha uma cultura vasta, não era tão reservado, mas também não falava da história da família.

Esta última entrevista foi muito importante para nós, até para percebermos uma mudança no olhar familiar: inferem um caráter “hereditário” ou familiar de TR em seu neto. O que significa isto? Confirma-se que ele tinha “mania de perseguição”, mas esta era devido ao que?

TR - PRESENTE, PASSADO E UM FUTURO IMAGINÁRIO

TR mostrou-se um personagem fascinante desde a descoberta de suas cartas. Parecendo cansado, porém lúcido, deixou nas entrelinhas de seus escritos mensagens de sofrimento pela clausura no hospício e ressentimento por não o compreenderem em

família. Sentia-se impelido a escrever muito, mas mesmo no hospício quanto em casa isto era desconsiderado:

A presente [carta] é o complemento supremo de tudo o que tenho escripto. Aquillo que tenho escripto, tem tido a imperfeição perfeita, sendo que, hoje, passa a ser a suprema imperfeição e a suprema imperfeição. Quiz o destino que fosse comprada esta tinta encarnada, de um louco mais certo que vós. Quiz o destino que o ódio e o “amôr” que vos tenho fosse escripto com tinta vermelha, exprimindo mais forte ainda a “dor” do ódio e da “paixão”. Apaixonado por vós, vos odeio, porque pregais na igreja o cúmulo da imperfeição- perfeita. A custo remo as idéias, porque me queima o maior fogo do ódio. Vós, meus guardas e guardados, negando-me uma tinta e papel, arrastais o povo à revolução e à guerra. Vós meus guardas- guardados, arrastais a humanidade à hecatombe universal. E negastes-me a tinta e o papel para “escrever”, para lançar, “talvez”, pela centésima vez a pedra fundamental da paz universal. (TR, Carta 4)

Desde o encontro do prontuário escondido, até o contato com a família, muitas coincidências aconteceram e parece, utilizando-se o recurso do imaginário, que TR realmente quer sair do anonimato. Este era seu grande sonho, pois ele tinha o que dizer ao mundo.

O que foi proposto para esta pesquisa “Sensibilidades à margem” teve êxito e chegou à sua meta. Porém, o estabelecimento de limites em história oral foi realmente a principal dificuldade. Ainda não entramos na fase de devolução com os familiares, tratando-se, porém, de uma história ainda não concluída em um sentido mais amplo.

Os familiares vivos mais próximos e mais velhos (filhos e sobrinhos), até onde se observou, não sabem que TR esteve no manicômio, tampouco sabem da existência das cartas que foram deixadas nos prontuários. Sua esposa, H. M., assim como seus pais (O R e M R) e irmãos (três), que viveram muito tempo em companhia dos filhos e netos e morreram bem velhos, parecem não ter contado sobre a internação de TR no HPSP de Porto Alegre. Este silêncio seria por conta de um tabu e um segredo familiar que ninguém revela? Teríamos o direito de revelar este fato? Nossa intuição e sensibilidade de pesquisadoras, trabalhando exatamente com noções de sensibilidade na História, supõem que os descendentes vivos não sabem sobre este fato.

Historiograficamente, esta pesquisa também ganhou sentido no contexto da imigração e da sensibilidade do fenômeno imigração (o estranhamento, a mudança de língua, a relação com o desconhecido, o silêncio que revela ressentimentos...). Ao mesmo tempo, tocou-se a noção de sensibilidade a respeito de uma vida humana, que

traduz em sua trajetória (do hospício para o mundo) dor e sofrimento, bem como uma inadaptação aos parâmetros considerados normais pela sociedade, até culminar em seu ato suicida.

O caminho da história oral diferencia-se do trabalho de obter documentos ou informação da via jornalística, cuja ética é a revelação pública da “prova” da verdade. Assim pensa-se que não se deve eticamente abrir mão do pseudônimo, também porque assim o personagem foi conhecido e trabalhado, desde o encontro de suas cartas no prontuário do manicômio. A família também não poderá ter sua identidade revelada, sendo os nomes substituídos por TR e seus sobrenomes sempre R.

A sensibilidade do pesquisador, que inclui a admiração por TR, fez deste um personagem. Independente de seu nome verdadeiro, ele é um personagem do urbano, no qual se identifica uma vida vivida e outra perdida.

A partir das pistas deixadas por esta “correspondência sensível da exclusão” e do material encontrado em seu prontuário, juntamente com o resgate da memória familiar re-traçamos a história de vida do personagem TR, desde seu espaço cotidiano até sua vida e morte na “vida-real”. TR era um homem dividido entre suas tradições familiares e sua aptidão pela escrita; é inegável para a família sua predileção pelas letras, todas as falas dos familiares dão ênfase a este fato. Homem oriundo de um núcleo familiar patriarcal, onde o pai era a figura de decisão, TR vivia em constante conflito, pois suas idéias empreendedoras eram utilizadas pela família, mas ao mesmo tempo na prática ele era excluído pelos demais irmãos.

Suas cartas demonstram a ligação forte que mantinha com a esposa e o filho, mas ao mesmo tempo, associado com as falas de ER e MR, filhos de TR, podemos perceber que o laço com o qual estava comprometido o impedia de fazer o que mais gostava: ler e escrever. Pois como provedor da família, a exemplo de seu pai, tinha que abdicar de sua vocação pelas letras e tornar-se um trabalhador comum, só assim poderia manter a família. Não obtendo êxito como provedor e frustrado por não expressar suas idéias a partir da escrita, TR sucumbiu. E encontrou na sua morte uma forma de prover a família, afinal, depois do suicídio, sua esposa e filhos ficariam amparados por seus parentes. Assim como, a morte prematura também abarcou sua frustração por terem negado a ele apenas o direito ao papel e a tinta. TR, um intelectual nato, rotulado como “louco”, mas para nós um real “homem de letras”, foi realmente incompreendido em seu momento histórico.



TR

FONTE: Acervo Pessoal de Pesquisa

Esta pesquisa termina com a certeza de que trabalhar com a vida humana, mesmo nos desígnios históricos, é um ato complexo, abrindo várias outras portas e deixando novas dúvidas e questionamentos. Portanto, a pesquisa deve continuar em outro projeto.